



O Tabu da Filosofia

Será que não passa de um dogma essa ideia de que a Filosofia nasceu na Grécia? É muito suspeita a recusa de muitas filósofas e filósofos em enfrentar esta interrogação, que se soma ao brutal desconhecimento dos textos egípcios – bem anteriores aos gregos –, que tinham como objetivo explicar a arte de talhar palavras através da medida da verdade

Nos livros didáticos de Filosofia, o que existe de mais comum é dizer que o pensamento filosófico surgiu na Grécia por volta do séc. V antes da Era Comum. Danilo Marcondes, autor de um dos mais celebrados livros de introdução à Filosofia, diz que um “dos modos talvez mais simples e menos polêmicos de se caracterizar a Filosofia é através de sua História: forma de pensamento que nasce na Grécia antiga, por volta do séc. VI a.C.” Marilena Chauí recusa a tese do “milagre grego” e faz coro com a tradição: a Filosofia nasceu na Grécia. Um dos livros didáticos de Filosofia selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) diz: “A Filosofia nasceu na Grécia há mais de 25 séculos e constitui o ponto de partida do que se chama pensamento ocidental”. Silvio Gallo, provavelmente o autor de um dos trabalhos, merecidamente, mais elogiados no campo didático, partilha da opinião de Marcondes e Chauí, dizendo que na “Grécia antiga, em meio à intensa vida cultural, política e comercial das *polis*, nasce a Filosofia, uma forma de pensar conceitualmente o mundo e responder a problemas”.



RENATO NOGUEIRA É PROFESSOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE DA UFRRJ. DOUTOR EM FILOSOFIA PELA UFRJ, RESPONSÁVEL PELO GRUPO DE PESQUISA AFROPERSPECTIVAS, SABERES E INTERSEÇÕES.

SE AS PESQUISAS FILOSÓFICAS DEVEM REUNIR CRÍTICA, REFLEXÃO, ARGUMENTAÇÃO E RIGOR COM CONCEITOS E, SOBRETUDO, PERGUNTAR SEM PUDOR ALGUM PELA CONSISTÊNCIA DAS IDEIAS, POR QUE NÃO DEVERÍAMOS INDAGAR SOBRE A ORIGEM GREGA DA FILOSOFIA?



Para a maioria das filósofas e dos filósofos da atualidade, a Filosofia não é considerada uma milagrosa invenção grega; mas não deixa de ser o resultado de condições históricas, sociais e políticas exclusivas da Grécia antiga. A Filosofia teria berço e progenitor grego, fazendo de sua certidão um “documento” grego. Pois bem, é em relação a essas convergências entre as mais diversas formas de fazer e conceber Filosofia que consideramos pertinente trazer uma

característica que não é rara da própria Filosofia. Ora, se para muita gente que se debruça sobre as pesquisas filosóficas não devemos deixar de reunir crítica, reflexão, argumentação, cuidado e rigor com conceitos e, sobretudo, problematizar, perguntar sem pudor algum pela consistência das ideias, por que não deveríamos indagar sobre a *maternidade* e *paternidade* gregas da Filosofia? Pois bem, defendemos a hipótese de que se trata de um tabu. Ou melhor, do maior tabu da Filosofia, isto é, uma proibição, uma interdição que não tem bases bem fundamentadas. Afinal, um elenco de autoras e autores da Filosofia, História e Egptologia tem apresentado vigorosos trabalhos que atestam justamente que a defesa do berço grego da Filosofia só se justificaria pelo desconhecimento dos textos egípcios anteriores aos gregos.

É importante dizer que, na atualidade, as diversas maneiras de fazer Filosofia não deixam dúvida do caráter polissêmico do termo. Mas, sem dúvida, tudo leva a crer que mesmo que filósofas(os) pragmatistas discordem muito de filósofas(os) continentais, que tratam das mesmas questões por vias distintas e caminhos especulativos, nos dois casos, a Filosofia ainda é entendida como atividade, exercício, aventura do espírito humano ou protocolos intelectuais que têm origem grega. O filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres nos ajuda a entender essa posição através de uma leitura geopolítica em que denuncia

a cumplicidade com a Cartografia imperial e com o projeto de colonização posto em curso pelo Ocidente. Maldonado-Torres identifica na leitura do filósofo Frantz Fanon (1925-1961) uma das mais contundentes críticas à mentalidade racista e colonial que demarca a formação da maioria das pessoas que se dedicam à Filosofia no Ocidente. Nós estamos de acordo com Maldonado-Torres; é muito sintomático que a “Filosofia” se recuse a examinar a interferência do espaço na produção de conhecimento, e o esquecimento da espacialidade e das disputas geopolíticas apenas reiteram e reforçam a Europa como lugar epistêmico privilegiado. Ou seja, a Europa, e, por tabela, a cultura ocidental, é a referência fundamental para a produção de conhecimento filosófico. O racismo é um elemento importante nesse processo. De modo geral, se por racismo se pode entender um conjunto de práticas, dispositivos, ideologias que supõe que a divisão da humanidade em grupos étnico-raciais distintos envolve a desqualificação de alguns diante de outros, os campos de negação são variados e recobrem as mais variadas dimensões. Por exemplo, se o racismo antinegro, em seu aspecto estético, recusa o *glamour* e a beleza de negras e de negros como boas personagens de campanhas publicitárias para vender perfume, margarina, carros e brinquedos, o racismo epistêmico recusa a validade científica, filosófica e cultural dos discursos de alguns grupos étnico-raciais. Ora, essa dimensão do racismo que atravessa a produção filosófica e a tese de negação dos textos da Antiguidade que não sejam gregos, tais como os textos astecas, maias, chineses, indianos e africanos, dentre outros, é denominada “racismo epistêmico”. Essa é a dimensão do racismo que recusa a validade epistemológica e intelectual do conhecimento produzido por alguns povos, a saber, os não brancos, os não ocidentais. Isso está de acordo com aquilo que

A MEDIDA DA VERDADE

Ptah-Hotep, 1º vizir do penúltimo Faraó, *Djed-Ka-Rá Isési*, da 5ª Dinastia do Reino Antigo do Alto e Baixo Egito (*Kmt*), deixou seus *Ensinamentos* no Papiro Prisse (Biblioteca Nacional de Paris, 187-194). Dizia-se que se ocupava da arte a qual nenhum artista chega à destreza perfeita, redigindo um conjunto de técnicas de argumentação diante dos que têm uma balança – capacidade de medir a verdade – tanto superior como igual ou inferior.

O RACISMO EPISTÊMICO RECUSA A VALIDADE CIENTÍFICA, FILOSÓFICA E CULTURAL DO CONHECIMENTO PRODUZIDO POR ALGUNS POVOS, A SABER, OS NÃO BRANCOS, OS NÃO OCIDENTAIS



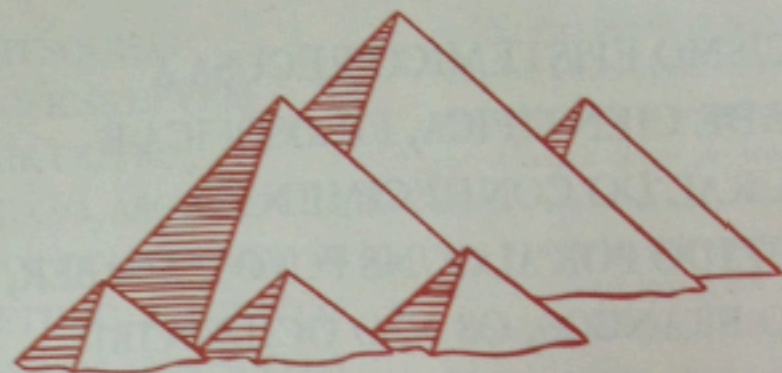
o filósofo ganense Kwame Appiah diz: "Filosofia' é o rótulo de maior *status* no humanismo ocidental. Pretender-se com direito à Filosofia é reivindicar o que há de mais importante, mais difícil e mais fundamental na tradição do Ocidente". Ora, o Ocidente teria a Filosofia como algo que o distingue fundamentalmente e decisivamente do resto do mundo. A Filosofia é tomada, seja diretamente, explicitamente ou de modo tácito, seja como atividade acadêmica, aventura do espírito, exercício intelectual, análise crítica da Linguagem, reflexão sistemática, visão de mundo produtora de conceitos rigorosos ou modo de problematizar a realidade mais elaborado, sofisticado da humanidade, digno dos povos mais "civilizados". Existe um pressuposto embutido: a dominação política, econômica e social que o Ocidente empreendeu por meio da invasão, colonização, trocas assimétricas e assujeitamento dos povos africanos, ameríndios, asiáticos e da Oceania vem sempre articulada com a dominação intelectual, com o estabelecimento de cânones acadêmicos ocidentais e com a recusa da validade epistêmica dos povos "colonizados". Por isso, a tese de que a Filosofia – essa área tão sofisticada que funciona como signo do refinamento e suprassumo do humanismo ocidental –

poderia ter uma origem fora da Grécia é tão rechaçada. O que também é motivo para reunir as mais diferentes escolas, linhas e perspectivas (ocidentais) da Filosofia numa aliança programática contra a emergência de outras vozes filosóficas, vozes que dizem que a Filosofia não é exclusiva do Ocidente. A coalização ocidental usa o *epistemicídio*, isto é, o assassinato das formas de conhecer, pensar e agir de outros povos, ou ainda, a recusa sistemática da validade dos argumentos, mesmo que esses sejam consistentes, em favor da blindagem de uma perspectiva intelectual. Afinal, existe uma contradição no discurso padrão da origem grega da Filosofia. Como a emergência local se articula com o caráter universal? Ora, se diz que a Filosofia nasceu numa região do mundo, produto de um povo, de uma cultura e de uma sociedade, ainda que sob influência de outras culturas. Mas, ressaltando que esse saber trata de questões universais, o mais interessante é que a Filosofia seria um caso único, isolado. Por exemplo, ninguém diria que a Música foi inventada por um determinado povo, num determinado momento da História da humanidade. No entanto, faz sentido afirmar que o samba nasceu no Brasil e que o primeiro registro do estilo foi gravado no início do século XX. Ou que a música de concerto era o gênero popular da Europa do século XVII ao XIX. O problema, porém, está em confundir uma maneira de fazer Filosofia com todas as possibilidades de exercício filosófico. A hipótese mais plausível é que a Filosofia grega na Antiguidade foi uma das formas, dentre outras, de filoso-

far. Um das chaves para essa leitura está na assunção de um modelo explicativo da História da humanidade na Antiguidade. A pluriversalidade é um modelo que reconhece a Filosofia como a multiplicidade das Filosofias particulares (em vez de eleger um modelo particular como o representante do universal). Afinal, se a Música é a multiplicidades de sons locais, de gêneros, subgêneros, ritmos e estilos que não têm uma origem específica, um local privilegiado, por que a Filosofia deveria ter? Não seria o caso de considerarmos que existem elementos geopolíticos que atravessam e constituem os discursos filosóficos, e que pretendem manter e reforçar uma posição conservadora? Uma postura que, assentada num modelo explicativo ariano, reforça o *epistemicídio* e pretende sustentar uma suposta neutralidade, que só corrobora para manter o *status quo* de que na Antiguidade só os gregos eram "capazes" de fazer Filosofia. Ora, por vezes, os defensores dessa posição comungam com uma ingenuidade que isso não tem nenhuma consequência negativa. Talvez seja o caso de tomarmos um primeiro passo, enfrentar esse tabu e procurar os argumentos que nos dizem que a Filosofia não nasceu na Grécia!

CONFRONTO DE MODELOS

As narrativas do modelo ariano ensejaram distorções sobre o Egito, enaltecendo a Grécia num discurso dogmático, numa postura preconceituosa própria da *helenofilia* sistemática que tomou boa parte do mundo acadêmico



naram e foram lidos pelos gregos. Ora, o que está em jogo é a autoridade ocidental por classificar alguns discursos como filosóficos e outros como "pensamento", uma perspectiva política de valorização dos gregos na Antiguidade, dando supremacia ao Ocidente. Existem contra-argumentos que defendem que a Filosofia não precisa ser tão valorizada, e que não deveríamos nos preocupar em enquadrar um pensamento africano ou asiático em seu modelo ocidental. Ora, por que não perguntamos quem autorizou o Ocidente a ser a "régua" da Filosofia? Isso não seria resultado de uma disputa geopolítica, como nos ensinam Fanon e Maldonado-Torres? Afinal, na maior parte das instituições universitárias e de pesquisa do Brasil e do mundo, a área de Filosofia agrega e reúne incentivos, investimentos, reconhecimento público, mas, a área "Pensamento" permanece livre e fora da disputa dos recursos e reconhecimento social. A pergunta é simples: a recusa do caráter filosófico ao pensamento africano, assim como a tantos outros, não faz parte de um projeto geopolítico de manutenção do *status quo*? Esse projeto é tão bem articulado que filósofos que discordam em quase tudo convergem quando se trata da primazia grega.

Cheikh Diop fez um belo e contundente trabalho contra essa perspectiva. E ele foi um intelectual africano, nascido no Senegal, que desenvolveu longamente a tese de que a África, especificamente o Egito, é o berço civilizatório da humanidade. Na esteira de Diop, o britânico Martin Bernal (1937-2013) observou que dois modelos explicativos distintos entraram em conflito, e, no século XIX, o modelo ariano se tornou mais influente do que o modelo antigo nos meios acadêmicos ocidentais, o que causou o silenciamento do Egito como civilização que influenciou profundamente o mundo helênico, celebrando a Grécia como "pura", "original" e "inven-

pirâmides e aquedutos, embalsamar corpos, represar rios, criar sistemas sofisticados de cultivo e agricultura. Ora, ao tratar de Filosofia, não poderíamos esperar algo diferente do que a recusa em validar os discursos que dissessem o contrário, de modo que parte da ficção literária ocidental dos séculos XIX e XX perguntava se os responsáveis pelo desenvolvimento intelectual, cultural e científico dos antigos egípcios não teria sido obra de extraterrestres. Ora, é do mesmo naipe a definição do Egito como uma sociedade asiática por alguns autores. Sem dúvida, o Egito fica na África, e, além das informações disponíveis, os dados incontestes recolhidos por Cheikh Anta Diop (1923-1986) diante dos testes de melanina feitos em múmias pelo físico e historiador senegalês não deixam margem para contradição: os egípcios eram negros. Em poucas palavras, existe um papel nesse aparente "esquecimento" de que os egípcios eram negros, responsáveis por escolas de Filosofia e autores consagrados na Antiguidade que ensi-

européu no século XIX. Ora, diversas vezes o Egito antigo aparece imerso em clichês: os filmes hollywoodianos trazem múmias fazendo o papel de "vilãs", sendo combatidas por "heróis" europeus e estadunidenses "desvendando" os mistérios que devem ser legados para a "humanidade" e que, por razões desconhecidas, estão nas mãos dos malvados mortos-vivos egípcios. Nossa leitura só pode estar na contramão dessas imagens que em nada ajudam a elucidar ou ampliar nossa compreensão sobre o Egito, principalmente se quisermos sustentar nossa hipótese de que os textos egípcios anteriores aos gregos já eram filosóficos. Tal como nos dizem Cheikh Diop, George James, Molefi Asante, Maulana Karenga, Martin Bernal, Théophile Obenga, Marimba Ani, Nkolo Foé, Mogobe Ramose e José Nunes Carreira, o racismo antinegro que questionava os avanços técnicos, filosóficos, científicos e culturais do Egito faraônico deu origem a discursos que desacreditavam a capacidade dos egípcios de construir

UMA VÍTIMA DOS DOGMAS FILOSÓFICOS

Frantz Fanon (1925-1961) era médico psiquiatra e filósofo. Obteve sólida formação filosófica na França, e sua tese, *Pele negra, máscaras brancas*, embora tenha virado livro, foi recusada pelo mundo acadêmico. Jean-Paul Sartre (1905-1980) prefaciou o trabalho e ficou impressionado com a inteligência filosófica de Fanon. O martinicano faleceu jovem, aos 36 anos, deixando também *Os condenados da terra* e *Sociologia da revolução africana*.

tora” da Filosofia. Mas o modelo antigo reconhece que os gregos não foram os primeiros. Na interpretação de James, Diop, Asante e Obenga, os primeiros textos de Filosofia eram egípcios.

Uma constatação importante é que existem pesquisas consistentes que lançam muita luz a respeito do assunto. Mas os cursos de Filosofia, a notar pelos artigos, livros, monografias, dissertações e teses, raramente citam ou se dedicam a comentar as teses que apontam os egípcios como autores de textos filosóficos de que temos registros. Em 1954, o caribenho George James publicou o livro *Stolen Legacy: Greek Philosophy Is a Stolen Egyptian Philosophy* [O legado roubado: a Filosofia grega é o roubo da Filosofia egípcia]. Mais do que uma provocação, o trabalho, ainda sem tradução para a língua portuguesa, empreende um estudo comparativo que identifica semelhanças entre textos egípcios e gregos. Um detalhe relevante que foi muito bem documentado por Théophile Obenga, um dos maiores expoentes contemporâneos da escola de Egiptologia contemporânea inaugurada por Cheik Anta Diop, na obra *La philosophie africaine de la période pharaonique (2780-330 a.C.)* [A Filosofia africana do período faraônico (2780-330 a.C.)] são as datas dos textos. Obenga nos brinda com material escrito em hieróglifos ou *mdt nfr* (medet nefer) – a língua do Egito antigo – bem anterior aos textos gregos. Ora, se alguns dos trabalhos gregos, tais como os de Platão e Aristóteles, datam do século V a.C., os materiais egípcios de Imhotep datam de por volta do XXVII a.C. e os de Ptah-Hotep, de XXV a.C. George James, por sua vez, traz elementos históricos como a viagem de Pitágoras (570 a.C.-495 a.C.) de Samos ao Egito para estudar na escola de formação de escribas. Ora, foi Pitágoras o primeiro grego a empregar o termo “Filosofia”. Obenga sustenta que no Egito já existia *rekbet*. “A palavra ‘*rekbet*’ (escrita com um

O PROBLEMA ESTÁ EM CONFUNDIR UMA MANEIRA DE FAZER FILOSOFIA COM TODAS AS POSSIBILIDADES DE EXERCÍCIO FILOSÓFICO. DESSE MODO, A FILOSOFIA GREGA NA ANTIGUIDADE FOI UMA DAS FORMAS, DENTRE OUTRAS, DE FILOSOFAR

hieróglifo de um homem sentado) significa ‘homem sábio’, isto é, um homem que permanece aprendendo, um erudito, um filósofo. Com efeito, o conceito *rekbet* (escrito com hieróglifos de noções abstratas) significa ‘conhecimento’, ‘Ciência’ no sentido de ‘Filosofia’. Ou seja, perguntar pela natureza das coisas (*khet*) baseado no conhecimento acurado (*rekbet*) e bom (*nefer*), discernimento (*upî*). A palavra ‘*upî*’ significa ‘julgar’, ‘discernir’, ‘dissecar’. A palavra cognata ‘*upet*’ significa ‘especificação’, ‘juízo’, e ‘*upset*’ quer dizer ‘específico’, isto é, dar os detalhes de algo.”¹

Pois bem, o modelo antigo de explicação da História reconhece esses elementos, mas o modelo ariano, que passou a ganhar mais força a partir do século XVIII, calou o debate em torno da produção filosófica egípcia. O britânico Martin Bernal escreveu *Black Athens: the Afroasiatic Roots of Classical Civilization* [Atenas negra: as raízes afro-asiáticas da civilização clássica], confrontando o modelo ariano e revisando o modelo antigo, sustentando que o intercâmbio entre os povos que viviam na região mediterrânea sempre foi muito intenso e que os continentes africano, asiático e europeu sempre trocaram informações; mas, para muitos, a anterioridade egípcia é inegável. A “origem e o berço da humanidade assim como a emergência da civilização do mundo devem ser procurados em África. O

Egito é a mãe da civilização mundial. A civilização egípcia é especificamente negra. Ela evoluiu e floresceu de tal forma que se tornou reconhecível como a base do humanismo de toda África. Por conseguinte, a África não é só a origem da civilização como também o berço do desenvolvimento social, cultural, científico e político. Diop aponta como sendo características comuns de toda África o matriarcado, a espiritualidade, o humanismo e o pacifismo. Estas e outras ideias estão plasmadas no livro *The African Origin of Civilization* [A origem africana da civilização].² De acordo com a tese de James, a Filosofia seria uma invenção egípcia, isto é, africana, contrariando a ideia do berço grego, isto é, ocidental.

EGITO OU GRÉCIA?

Pois bem, em vez de procurarmos uma origem para a Filosofia, estamos de acordo com o raciocínio pluriversal proposto pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose. James faz um belo trabalho por debater as influências egípcias entre os gregos, inclusive expondo que diversos elementos do pensamento filosófico pitagórico trazem à cena a formação tradicional dos escribas do Egito faraônico. Porém, existe outro aspecto do problema acerca do nascimento da Filosofia. Por que apenas a Filosofia deveria ter uma “nacionalidade”? Não se fala desta maneira do nascimento da Religião ou da Arquitetura, como

¹ OBENGA, 2004

² CASTIANO, 2010



POR QUE APENAS A FILOSOFIA DEVERIA TER UMA “NACIONALIDADE”? NÃO SE FALA DESTA MANEIRA DO NASCIMENTO DA RELIGIÃO OU DA ARQUITETURA, COMO EXCLUSIVIDADE DE DETERMINADO POVO

exclusividade de certo povo. Afinal, é bem razoável dizer que todos os povos produzem rituais religiosos ou que as construções arquitetônicas podem usar materiais variados. Como seria sustentar que, entre egípcios, maias, astecas e gregos, um povo foi o responsável pela invenção da Arquitetura? Ora, historiadores da área dizem que a Arquitetura teria começado quando os primeiros seres humanos passaram a construir para se protegerem dos fenômenos naturais e de predadores. Neste sentido, a Arquitetura, assim como a Religiosidade e a Filosofia, seria pluriversal; não seria da mesma categoria que o telefone ou o avião – objetos criados, inventados num determinado momento histórico. Por isso, a nossa hipótese é de que a Filosofia, assim como a Arquitetura, teria nascido em lugares diferentes quando seres humanos de diversas regiões começaram a se colocar algumas questões; essas questões não seriam exclusivas de gregos, egípcios ou chineses. Por que a Filosofia teria que ser grega? Um argumento é que todos os povos têm Pensamento, mas a Filosofia seria um modo de pensar exclusivamente grego. Ora, por que só os gregos teriam feito Filosofia? Neste ponto, voltamos ao que foi dito no início do artigo. O que está em jogo na ideia de que a Filosofia é de origem grega é uma posição política, uma maneira de esvaziar outras Filosofias e não reconhecer a Filosofia como produto da multiplicidade de Filosofias locais.

Vale a pena examinar outro contra-argumento: a palavra “Filosofia” é grega. Pois bem, em egípcio antigo, na

escrita hieroglífica, existem outras versões que divergem da exclusividade do termo. Os egípcios antigos usavam o termo “*rekb*” para designar um ser humano versado naquilo que o filósofo Ptah-Hotep chama de arte das artes, uma arte cujos limites nunca “podem ser alcançados e a destreza de nenhum artista é perfeita”. O que é corroborado nas *Inscrições de Antef*, que expõem as características de uma pessoa que é mais sábia que o sábio, porque traz de si mesma a sabedoria. Ora, não se trata de um sábio; mas, de uma pessoa que nunca chega à conclusão daquilo que sabe e por isso, sabe mais que o sábio.

A conclusão parcial a que podemos chegar é bem simples, uma resposta a respeito da questão que mobilizou os percursos deste trabalho. A Filosofia nasceu no Egito ou na Grécia? Ora, não nasceu no Egito, tampouco na Grécia. Textos chineses, indianos, maias, astecas e ameríndios ainda aguardam para entrar no cenário acadêmico. A Filosofia é pluriversal e, tal como a Música e a Arquitetura, não nasceu apenas por “imposições” espaciais, geográficas e identificações de gênero, sexualidade, étnicas e raciais, mas de elementos existenciais e, em certa medida, inerentes à condição humana. Por isso, é estranho defender, somente na Filosofia, uma primazia grega sem fazer disso um tema para a análise filosófica, com uma postura inocente e até ingênua diante das condições políticas de produção do pensamento. Para interessadas(os) em aderir ou recusar os argumentos aqui expostos, sugiro suspender os juízos e,

fica o convite, adentrar algumas leituras antes de decidir aceitar ou objetar a tese de que a Filosofia não tem certidão grega. Diop, James, Obenga, Bernal, Asante, Ani, Carrera, Maldonado-Torres, Fanon e, sem dúvida, alguns textos egípcios. Fica a sugestão para quem quiser analisar cuidadosamente e com rigor a existência do caráter filosófico dos textos egípcios através das traduções de Emanuel Araújo que estão disponíveis em *Escritos para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*. **lilo**

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da Cultura*. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Contraponto, 1997.
- ASANTE, Molefi. *The Egyptian Philosophers: Ancient African Voices from Imhotep to Akhenaten*. Illinois: African American Images, 2000.
- BERNAL, Martin. *Black Athena: the Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, tomes I and II, New Brunswick: Rutgers University Press, 1988-1991.
- CARREIRA, José. *Filosofia antes dos gregos*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
- DIOP, Cheikh Anta. *Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?* Paris: Présence Africaine, 1967.
- _____. *Nations nègres et culture*. Paris: Présence africaine, 1954.
- _____. *Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines*. Paris: IFAN/NEA, 1977.
- JAMES, George G. M. *Stolen Legacy: the Greek Philosophy Is a Stolen Egyptian Philosophy*. Drewryville: Khalifah's Booksellers & Associates June, 2005.
- OBENGA, Théophile. *Ancient Egypt and Black Africa*. Chicago, IL: Karnak House, 1992.
- _____. “Egypt: Ancient History of African Philosophy” In WIREDU, Kwasi. *A companion to African Philosophy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004, pp. 31-49.
- _____. *La philosophie africaine de la période pharaonique (2780-330 a.C.)*. Paris: L'Harmattan, 1990.